



# Linguagens

Arte, Música, Educação Física e Línguas

SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO  
Guarulhos/SP

Departamento de Orientações  
Educativas e Pedagógicas - DOEP

Volume 15 de 25



**FORMAÇÃO**  
**2020**



PREFEITURA DE  
**GUARULHOS**

**Prefeitura de Guarulhos**  
**Secretaria de Educação**

Gustavo Henric Costa  
**Prefeito de Guarulhos**

Alex Viterale  
**Secretário de Educação**

Fábia Aparecida Costa  
**Subsecretária de Educação**

Solange Turgante Adamoli  
**Diretora do Departamento de Orientações Educacionais e  
Pedagógicas**

**Divisão Técnica de Arte Educação**

Angela Dezoti Consiglio, Elayne Brito dos Santos, Fabíola Moreira Costa  
e Sérgio Augusto Corsini dos Santos.

**Colaboradores:** Carlos Alberto Oliveira Gomes, Elba Cecília de Souza  
Fernandes, Everton Arruda Irias, Jaqueline Oliveira Nascimento, Sérgio  
Andrejuskas Ferreira da Silva e Thalita Wanderley Queiroz Rios.

**Divisão Técnica de Publicações Educacionais**

**Projeto Gráfico:** Anna Solano e Eduardo Calabria.

**Fotografia:** Camila Rhodes e Eduardo Calabria.

**Colaboração:** Bárbara Braz, Carla Maio, Danielle Chaves, Diego Alves,  
Maira Kami, Mateus Barboza, Rodolfo Santana e Rodrigo Medrado.

**Secretaria de Educação**

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo  
Guarulhos/SP - CEP: 07113-040

**Portal da Secretaria Municipal  
de Educação de Guarulhos**

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>

Guarulhos, 2021



# Linguagens

Arte, Música, Educação Física e Línguas



## Educadores da Rede Municipal de Guarulhos

A formação permanente, em face das constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo com o avanço tecnológico que nos impulsiona a uma formação humana alinhada às necessidades do século XXI, notadamente, constitui um dos elementos centrais para o enfrentamento dos desafios que surgem.

Nos últimos tempos, sobretudo ante as problemáticas agravadas e impostas pela pandemia de Covid-19, tem sido inegável a função social da escola pública, não somente em assegurar conhecimentos considerados relevantes para a formação dos educandos, mas como lugar de aprendizagem dos sujeitos em sua integralidade, considerando as diversas dimensões do desenvolvimento humano, por meio de um processo educativo que viabilize o uso de diferentes espaços da escola e do território em que se encontra, e que também valorize as interações sociais estabelecidas, em busca da formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de fazerem uso dos conhecimentos aprendidos para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Isso só é possível quando os profissionais da educação, trabalhando em conjunto, promovem ações que favoreçam o exercício de uma escuta ativa e a abertura de espaços de atuação participativa, que garantam aos educandos “vez e voz”, para que possam assumir seu papel de protagonistas no processo educativo.

As publicações que compõem esta coletânea são o resultado da sistematização da formação permanente realizada pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Currículo, no ano de 2020, que compôs a jornada de trabalho dos servidores da Educação durante as medidas de combate e prevenção ao SARS-CoV-2, tais como o distanciamento físico das escolas e equipamentos de educação e o isolamento social, a fim de se manter o compromisso com a valorização profissional.

Assim, desejamos que essas publicações sejam parte da história coletiva da Rede Municipal, cujo sucesso se vê, de fato, no chão da escola, objetivo maior do nosso trabalho.

Boa leitura e reflexões!

*Alex Viterale*

## SUMÁRIO

<b>Caminhos e Possibilidades na Construção dos Currículos PEB Arte, Música, Educação Física e Línguas.....</b>	<b>7</b>
<b>A urgência da escuta, do olhar sensível e do diálogo para a construção de uma aprendizagem mais significativa.....</b>	<b>13</b>
<b>(Re)pensando práticas e buscando caminhos metodológicos.....</b>	<b>21</b>
<b>Saberes e aprendizagens das áreas: diálogos e conexões.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências.....</b>	<b>42</b>

# CAMINHOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS - PEB ARTE, MÚSICA, EDUCAÇÃO FÍSICA E LÍNGUAS

O texto a seguir tem por objetivo apresentar uma síntese das proposições realizadas no curso AVA, Arte, Música, Educação Física e Línguas, como forma de registro e fomento à continuidade da reflexão e pesquisa relacionada à estas áreas, assim como, à prática desses profissionais na educação básica da cidade de Guarulhos.

## NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS: REFLETINDO SOBRE AS ÁREAS

*Vou cantar meu baião na janela, vou gritar que cansei dessa dor  
Vou inventar um refrão, dias melhores virão  
Acho que eu ando com fome de amor  
Vou cantar baião na sacada  
Ah, só não pode aglomerar  
Calma que esse troço logo acaba  
Ah, quando acabar vou te abraçar  
Vou pegar na tua mão  
vem cantar o meu baião<sup>1</sup>*

*Ceumar e Jonathan Silva*

Iniciamos nosso curso com o módulo intitulado Narrativas e trajetórias do(a) professor(a): refletindo sobre as áreas e as transformações da função social da escola. Buscando não desconsiderar o momento de pandemia, o distanciamento físico e todas as suas implicações, proporcionamos um vídeo de acolhimento seguido da canção Baião na Janela. Em seguida, propusemos um mergulho em nossas memórias, reavivando situações e promovendo reflexões sobre a nossa trajetória enquanto estudantes e professores(as). Durante o módulo, buscamos tecer relações entre a história das áreas (Arte, Educação Física e Línguas), as transformações históricas e as diferentes funções sociais da escola no decorrer do tempo.

Ao longo das unidades, nos debruçamos sobre nossa trajetória enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais. Refletimos sobre as experiências vivenciadas a partir dos vários “papéis” que assumimos enquanto estudantes da Educação Básica, no ensino superior e também nas relações profissionais e interpessoais que sempre vão nos transformando. Entendendo que da mesma maneira que olhar para

a história das áreas nos permite um posicionamento sobre o hoje, olhar para a nossa história nos permite identificar e compreender as experiências que nos formaram e, se necessário, superá-las e transformá-las a partir das reflexões e relações que foram sendo tecidas. “Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a "sua" vida, o que no caso dos professores é também produzir a "sua" profissão.” (Nóvoa, 1992. p.26).

## **A Escola**

*Paulo Freire*

<i>Escola é...</i>	<i>se comporte como colega, amigo, irmão.</i>
<i>o lugar onde se faz amigos</i>	<i>Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.</i>
<i>não se trata só de prédios, salas, quadros,</i>	<i>Nada de conviver com pessoas e depois descobrir</i>
<i>programas, horários, conceitos...</i>	<i>que não tem amizade a ninguém</i>
<i>Escola é, sobretudo, gente,</i>	<i>nada de ser como o tijolo que forma a parede,</i>
<i>gente que trabalha,</i>	<i>indiferente, frio, só.</i>
<i>que estuda, que se alegra, se conhece,</i>	<i>Importante na escola não é só estudar,</i>
<i>se estima.</i>	<i>não é só trabalhar,</i>
<i>O diretor é gente,</i>	<i>é também criar laços de amizade,</i>
<i>o coordenador é gente,</i>	<i>é criar ambiente de camaradagem,</i>
<i>o professor é gente,</i>	<i>é conviver, e se amarrar “nela”.</i>
<i>o aluno é gente,</i>	<i>Ora, é lógico...</i>
<i>cada funcionário é gente.</i>	<i>numa escola assim</i>
<i>E a escola será cada vez melhor</i>	<i>vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer,</i>
<i>na medida em que cada um</i>	<i>fazer amigos, educar-se, ser feliz.</i>

Por meio de diferentes materiais, dentre eles o poema de Paulo Freire, aprofundamos a discussão sobre a função social da escola e suas transformações, refletindo sobre as mudanças históricas que permeiam nossas áreas de atuação (Arte, Educação Física e Línguas) e suas contribuições para a educação. Foi possível estabelecer um diálogo entre os pares sobre a escola de ontem, a escola de hoje e aquela que enxergamos como ideal, pensando nas transformações ocor-



que contribua efetivamente para a construção de um conhecimento comprometido com uma melhor compreensão e transformação do mundo.

Problematizamos questões como “quais saberes costumamos valorizar” e “quais saberes deveríamos valorizar”. Partindo dessas e outras provocações, propusemos um espaço virtual de compartilhamento das práticas remotas realizadas pelos(as) professores(as), culminando em reflexões no fórum no qual discutimos sobre a relação entre escola, professor(a) e educando(a) nesse momento de distanciamento físico, assim como, sobre a importância e o desafio em se considerar as diferentes realidades e interesses dos(as) educandos(as) nos processos de ensino-aprendizagem.

Na sequência, ampliamos e aprofundamos a discussão a partir da temática educação pela diferença. Para isso, alguns questionamentos nortearam nossas reflexões: como nos enxergamos diante das diferenças? Como nos posicionamos e tratamos os assuntos sobre a diversidade e a equidade na escola e fora dela? Entendemos todos os processos históricos envolvidos na construção do país e suas heranças culturais?

Ao longo de todo o curso, nossas discussões foram norteadas pela Proposta Curricular QSN 2019, potencializadas e expandidas por meio de outros materiais de estudo. Aqui, ressaltamos alguns trechos do documento presentes em nossa trajetória de pesquisa que serviram como base para nossas reflexões sobre essa temática.

*A sociedade é uma comunidade objetivamente marcada pelas diferenças sociais, culturais e históricas entre seus sujeitos e grupos. Marilena Chauí (2014) escreve sobre a diferença entre interesses, necessidades e direitos. Em resumo, a autora afirma que um direito não é algo particular como os outros dois, mas algo geral e universal, que serve a indivíduos, grupos ou classes sociais. Assim, uma sociedade democrática deve garantir que pessoas com diferentes histórias e experiências sociais e culturais possam ter acesso aos mesmos direitos. (QSN, Texto Introdutório, 2019, p. 24)*

*O princípio da equidade na escola tem antes uma relação com o princípio de justiça social e de como a sociedade se responsabiliza pelas suas desigualdades. Portanto, a equidade exige determinada postura ética, e, se pautada em uma ética dos Direitos Humanos, a diversidade não será um empecilho para a execução de sua tarefa com qualidade social. Como destaca o texto do Instituto Vladimir Herzog – IVH (2016, p.9), “uma sociedade justa é aquela que valoriza as diferenças e se enriquece com elas [...], o que não significa atender a todos do mesmo jeito, mas considerar as necessidades e as singularidades de cada um [...]”, como as questões étnico-raciais, religiosas, culturais, territoriais, físicas, coletivas, individuais, geracionais, de gênero, de orientação sexual, de posição política, de nacionalidade e de classe social, entre outras. (QSN, Texto Introdutório, 2019, p. 25-26)*

Assim, entendendo a urgência e a relevância dessa discussão, propusemos a aproximação do tema também a partir de materiais audiovisuais a fim de provocar, sensibilizar e refletir sobre as múltiplas formas de enxergar e viver em uma sociedade plural, multicultural e diversa, considerando também as experiências, as vivências e os direitos das pessoas com deficiência.

O compartilhamento de práticas realizado por meio de projetos e ações de colegas convidados(as), revelaram que ainda há muito a se (re)pensar e a se avançar no chão da escola em relação ao tema, pois encontramos dificuldades que vão desde a necessidade de desconstrução de preconceitos e estereótipos às estruturas físicas de muitas unidades escolares. São grandes ainda os desafios a serem superados.

É importante ressaltar que ainda que a discussão sobre a educação pela diferença tenha se dado de maneira pontual numa unidade deste módulo, durante todo o curso, tivemos uma preocupação em evidenciar na escolha dos materiais grupos socialmente negligenciados com o intuito de romper os imaginários construídos e consolidados hegemonicamente e valorizar suas produções e contribuições históricas, sociais, políticas e culturais.



# A URGÊNCIA DA ESCUTA, DO OLHAR SENSÍVEL E DO DIÁLOGO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM MAIS SIGNIFICATIVA

## O Tempo

*Mário Quintana*

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.*

*Quando se vê, já são seis horas!*

*Quando de vê, já é sexta-feira!*

*Quando se vê, já é natal...*

*Quando se vê, já terminou o ano...*

*Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.*

*Quando se vê passaram 50 anos!*

*Agora é tarde demais para ser reprovado...*

*Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.*

*Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...*

*Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...*

*E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.*

*Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.*

*A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.*

*“Escutar o outro é renunciar à posição de poder.”*

*Christian Dunker*

Após compartilhar e refletir a partir das memórias, trajetórias e experiências, iniciamos uma conversa sobre a urgência da escuta, do olhar sensível e do diálogo com nossos (as) educandos(as) para a construção de uma aprendizagem mais significativa.

Durante esse momento que vivenciamos fomos tirados de nossa zona de conforto e iniciamos um processo relacionado ao “reinventar-se” no qual praticamente nada daquilo que já estávamos habituados foi possível de ser levado adiante. Foi um momento para (re)avaliarmos nossas trajetórias e nossas ações no mundo.

Assim como para questionarmos nossas certezas sobre nossa prática enquanto professoras e professores e (re)pensarmos a educação em um contexto geral.

Com um vídeo de Lorelay Fox declamando o texto “Eu sei mas, não devia” de Marina Colasanti<sup>2</sup>, com a leitura do texto “Escutatória” de Rubem Alves<sup>3</sup>, o poema de Mário Quintana e a música “Tempo” da Banda Mais Bonita da Cidade<sup>4</sup> assim como, por meio de outros materiais, buscamos provocar diversas reflexões: Com o que nos acostumamos? O que costumamos naturalizar na escola enquanto sujeitos e enquanto coletivo? Até que ponto nós, enquanto professoras e professores, transitamos da posição da oratória para a “escutatória”? Quais reflexões podemos fazer acerca da importância da escuta atenta considerando o momento que vivemos? Como tratar esse tempo descrito no poema na perspectiva da “escutatória”?

Adentrando primeiramente à urgência da escuta como uma necessidade intrínseca aos processos educativos, trouxemos para a conversa Severino Antônio Moreira Barbosa e trechos do QSN referente às áreas, dos quais destacamos:

*O aluno, objeto da reflexão do educador, é também sujeito. Precisa falar, ser ouvido e reconhecido. Se não tivermos escuta para ele, vamos ficar falando sem estabelecer um diálogo. É fundamental ouvir as vozes dos alunos de várias camadas sociais e faixas de escolaridade. Muitas vezes, a criança pequena é capaz de fazer as indagações mais fundamentais. Ela tem a curiosidade e a capacidade de espanto e de admiração de onde nascem a ciência, a filosofia e as artes. (BARBOSA, 2009)*

*Ao pensarmos nos processos das infâncias, evidencia-se que as experiências tecidas por elas não ocupam o mesmo lugar de destaque de criações das juventudes ou do universo adulto. Em uma espécie de vir a ser, as experiências das crianças são tidas como algo que um dia ela poderá fazer de modo complexo. É importante reconhecermos que as criações, as reflexões, as críticas, as expressões e fruições já se dão na complexidade de quem percebe o mundo de forma estésica e nos apresenta de forma poética e simbólica o que aprendeu. Não podemos diminuir os processos artísticos protagonizados pelas infâncias como ações ainda em formação. Precisamos compreender a inteireza de suas práticas artísticas, em seus tempos e seus espaços. As infâncias anunciam diariamente suas visões de mundo através de suas produções artísticas, mas, para percebermos, precisamos estar atentos aos processos.” (QSN, Ensino Fundamental, Arte, p. 95)*

*“As comunidades onde estão inseridas as escolas municipais dispõem de um valioso patrimônio cultural corporal que possui significados particulares para as pessoas que compõem tais grupos. Reconhecer, legitimar e valorizar esse patrimônio cultural corporal devem ser ações constantes para a definição dos temas de estudo e das ações didáticas. Passeios pelo entorno da escola, conversas com os educandos, entrevistas com integrantes da comunidade, pesquisas com as famílias, dentre outras ações, podem revelar um*

vasto repertório de práticas corporais que devem estar inseridas nas aulas de Educação Física, a fim de serem vivenciadas, analisadas, aprofundadas e ressignificadas.” (QSN, Ensino Fundamental, Educação Física, p.111)

“Nesse sentido, as aprendizagens propostas têm potencial para ampliar as referências culturais dos educandos e contribuem para a formação de sujeitos abertos para a diversidade e para o exercício da empatia, da tolerância e do respeito mútuo. Também estimulam o educando a conhecer-se, através da reflexão, para alcançar ao mesmo tempo o entendimento do outro, despertando assim uma melhor observação sobre sua própria identidade e ampliando sua compreensão e/ou valorização de diferentes culturas, costumes e gostos. Por conseguinte, conhecer sua história, reconhecer-se como sujeito histórico, valorizar e respeitar outras manifestações culturais e diferentes linguagens (a artística, por exemplo), valorizar a alimentação adequada, preservar o meio ambiente etc., [...] contribuem para que o educando conheça a si mesmo e o outro e respeite diferentes culturas e tradições.”(QSN, Ensino Fundamental, Língua e Cultura Inglesa, p.81)

Assim, por meio desses e de outros materiais de estudo, pudemos refletir sobre a necessidade e a urgência em considerar a voz da criança e as leituras constantes que ela faz do mundo à sua volta. Escutar como um exercício para valorizar, compreender e agir em seu universo através da proposição de experiências. E falando em experiências, (re)pensamos o espaço destinado à escola e sua relação com a escuta e com o olhar sensível. A escola tem sido o lugar da experiência? Na leitura de Jorge Larrosa, em “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, encontramos:

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)*

Qual tempo a gente se dispõe para perceber a criança, o espaço e o entorno? E como isso reverbera na experiência ou na falta dela?

Até aqui, passamos brevemente por reflexões sobre o tempo, a escuta e a territorialidade, propondo uma visão sensível e percebendo como esses aspectos são importantes na construção do sujeito e no desenvolvimento de sua subjetivi-

dade. Então, lançamos as seguintes questões: O quanto a percepção das subjetividades pode e deve influenciar os critérios de nossas escolhas pedagógicas? Qual é a importância de que nossa curadoria parta de uma intencionalidade, ou seja, de um objetivo lançado a partir da relação direta entre a realidade e as subjetividades dos sujeitos envolvidos no processo educativo? Que tipo de relação precisa ser estabelecida para que esse processo seja verdadeiro? E o quanto precisamos estar dispostos(as) à desconstrução e vulneráveis aos sonhos?

O poeta Sérgio Vaz escreve que “Educador é aquele que confecciona asas. E voa junto.” Estamos dispostos(as) a voar juntos(as)?

Sandra Corazza, nos provoca com seu texto e também nos inspira.

*Despertos, na ânsia de desenhar novas aulas e de renomear as antigas, buscamos consolidar mundos e seres outros e esconder velhos males. Para o sonhador de tinta, viver bem é inventar e escrever bem a aula, em que mora EIS AICE<sup>1</sup>. Por isso, o professor não tem aula fixa, visto que a sua fantasia muda sempre de lugar. Mantém-se um endereço para arrumar livros, tapar buracos, limpar pincéis, atirar sonhos pela janela. Em sua porta, há sempre sonhos que chegam de vários lugares e muitos de uma só vez. A casa do sonhador cintila com milhares de vagalumes e, com a chegada do outono, as fadas azuis arrancam os seus cabelos para aquecer os ovos de madrepérola. O nosso maior desafio consiste em escolher a matéria para sonhar: se algas, cânhamos, pedras, tropas, lantejoulas, jaulas, volutas, colunas ou brumas. O professor pinta a aula com tinta sonhadora e a escreve com ar, terra, água, fogo, dependendo de a pipa irreal voar em direção à lua ou ao sol. Não lhe falta munição onírica. Os sonhos gritam, encravados em ninhos, colados num muro cinzento, abaixo das ameias, e o sonhador colhe-os por lá. Todo sonhador de aula carrega no bolso uma bomba de tinta. Quando soluça é porque traz cardumes de sonhos entalados na garganta. Sonhos que lutam para se tornar peças, poemas, desenhos, esculturas, partituras, danças, mímicas, cirandas, malabares, palhaçadas, sonatas, árias. (CORAZZA, 2019)*

Quando vamos escolher a matéria prima para sonhar é preciso nos perguntarmos sempre: Porque uma coisa e não outra? Pensando na reflexão da reverberação da escuta, das subjetividades, da proposição de experiências e nos desdobramentos do processo de curadoria, propusemos um questionamento sobre as escolhas que costumamos fazer, enquanto professoras e professores, ao selecionarmos as temáticas que levamos para a sala de aula. Sabemos que os critérios utilizados para a definição dos temas de estudo estão carregados de intencionalidades pedagógicas e, dessa maneira, intimamente relacionados com a educanda e o educando que desejamos formar, assim como, com a trajetória histórica e social

<sup>1</sup> Para a docência-pesquisa, propõe os conceitos de Espaços, Imagens, Signos (EIS), como alavancas para transcriar o currículo; e os de Autor, Infantil, Currículo, Educador (unidade AICE), como operadores da didática da tradução.

que contribuiu para a constituição de nossas subjetividades. Assim, apresentamos as seguintes perguntas por meio das imagens abaixo: Quais grupos estão sendo valorizados e legitimados? Quais tipos de conhecimento e de expressão estão sendo valorizados? Como os sujeitos a quem se dirigem essas práticas interpretarão as coisas do mundo?



**Figura 2:** Atividade de Educação Física: “Porque estas práticas corporais... e não estas?”.



Figura 3: Atividade de Arte: “Por que uma coisa e não outra?”.



Figura 3: Atividade de Língua e Cultura Inglesa: “Por que trabalhar essas propostas... e não essas?”.

A partir daí, caminhamos para reflexão sobre as reverberações de tudo o que estudamos e refletimos até aquele momento, naquilo que planejamos e levamos à sala de aula. Nosso intuito foi pensar no planejamento como um instrumento vivo e aberto às modificações do processo e não como recurso burocrático que costuma não refletir de fato nossas ações. Assim, apresentamos o texto de Corazza que evidencia vários aspectos relacionados ao planejamento escolar.

*O ato de planejar implica a análise das variáveis que permeiam a ação pedagógica, entendida como uma forma de política cultural, sendo necessária a intencionalidade considerada por ela de “ordem ética”. Ética porque implica respeito e responsabilidade do educador com a ação de educar, considerando a cultura e os grupos sociais de suas educandas e de seus educandos. Política cultural porque é exigida uma ação pedagógica intencional que resultará na validação e legitimação de sentidos e significações atribuídas às suas vidas, vozes, experiências e histórias. Assim, a autora conclui: “como ir para a escola e exercer uma pedagogia sem planejar nossas ações? Ora, agir assim demonstraria que no mínimo, não levamos muito a sério as responsabilidades pedagógicas e políticas de nosso trabalho. [...] Planejar para que a multiplicidade de culturas implicadas em nossas identidades e nas de nossos alunos, bem como as nossas diversas formas de expressão popular possam se tornar materiais curriculares, codificadas em materiais de estudo, problematização e questionamento. (CORAZZA, 1997, p.122)*

E como planejar para uma aprendizagem significativa? Ao refletirmos sobre o assunto, nos debruçamos sobre diferentes aspectos a serem considerados com as crianças e que nos saltam aos olhos pela importante relevância social e cultural que têm para nós, professoras e professores, por serem intrínsecos à nossa experiência como adultas e adultos. Diante disso, nossas discussões e reflexões caminharam no sentido de ressignificar os aspectos presentes na relação com nossos(as) educandos e educandas como um convite para mergulharmos no universo da criança e nos permitirmos pensar e experienciar como ela.

Assim, assistimos ao vídeo “Diálogos do Brincar – Um olhar para o brincar” com Renata Meirelles e David Reeks<sup>5</sup>, no qual ressaltam a importância do olhar sensível de todos(as) para a infância, entendendo que os vínculos estabelecidos com a criança facilitam o acesso a seu universo e à compreensão de sua espontaneidade e potencialidades.

A aprendizagem significativa perpassa essa sensibilização que provoca a experiência. Como lemos no texto de Jorge Larrosa (2002) a experiência é o que nos toca, o que nos atravessa, é aquela lembrança das aulas inesquecíveis que

tivemos. Resgatamos então memórias sobre aulas e professores(as) marcantes que impactaram nossas vidas de maneira singular.

Propusemos também a apreciação e a reflexão por meio do vídeo “O saber e o sabor” de Rubem Alves<sup>6</sup> no qual, de maneira poética, as professoras e os professores discorrem sobre suas lembranças escolares e sobre o que consideram essencial para o processo de ensino e aprendizagem.

Ao longo deste módulo, reconhecemos a influência dos aspectos estudados em todo o percurso formativo, isto é, a escuta atenta, o olhar sensível, a intencionalidade, a curadoria e o planejamento para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa que respeite as subjetividades e considere as múltiplas experiências envolvidas nestes processos e seus desdobramentos. Tendo isso em vista, finalizamos o módulo apresentando o infográfico abaixo.



Figura 4: Educação integral

# (RE)PENSANDO PRÁTICAS E BUSCANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

## Uma didática da invenção

*Manoel de Barros*

*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:*

*a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*

*b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*

*c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*

*d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*

*e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos*

*f) Como pegar na voz de um peixe*

*g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.*

*etc*

*etc*

*etc*

*Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.*

Quando discutimos no módulo anterior sobre a importância da escuta, do olhar sensível na curadoria daquilo que seria levado à sala de aula, assim como da intencionalidade dessas escolhas materializadas no planejamento vivo e em movimento em busca de uma aprendizagem significativa, percorremos um caminho no qual os “o quês” e os “porquês” foram explicitados. Intrínseco a isso estarão os “comos” e foi justamente nesse ponto que entendemos a relação de continuidade do curso. Obviamente a separação desses temas ocorre de maneira didática, mas entendemos que estão todos imbricados em nossa prática.

Se temos como intuito planejar nossas ações a partir das relações existentes na escola, das necessidades de nossos(as) educandos(as), parece-nos óbvio que o modo como faremos o nosso “como” possibilite o diálogo e a troca entre todos(as) os(as) envolvidos(as) nesse processo complexo que é a aprendizagem.

A ideia de estudar e refletir sobre metodologia, método ou procedimento teve como principal objetivo o estabelecimento de uma relação que vai de encontro à realidade concreta da sala de aula. Nos entendendo enquanto sujeitos históricos, culturais e sociais que somos, traçamos um caminho reflexivo a partir da explicitação de diferentes contextos que foram modificando as conceituações de tais termos e, conseqüentemente, sua aplicação prática, sem perder de vista o objetivo final que é sempre o chão da escola.

Quando paramos para pensar em algo que está relacionado diretamente às ações pedagógicas do dia a dia de trabalho do(a) professor(a), e intrinsecamente relacionados ao processo de ensino-aprendizagem dos educandos(as), podemos muitas vezes nos perder nesse caminho e ter dificuldade para definir o que é metodologia, método e procedimento. Entretanto, sabemos que os caminhos escolhidos no processo de ensino-aprendizagem de nossos(as) educandos(as) nos revelam as intencionalidades do(a) professor(a) e principalmente a sua concepção de educação.

Segundo Manfredi (1993), “o conceito de metodologia de ensino é fruto de contexto e do momento histórico em que é produzido”. Sendo assim, talvez não haja apenas uma única definição para esse termo, mas várias definições, que estão atreladas às diferentes concepções de educação produzidas em determinados contextos. A título de exemplo, o entendimento sobre metodologia de ensino assume determinadas características quando se adota uma concepção tecnicista de educação, todavia, modifica-se em uma concepção crítica acerca das práticas educativas (Luckesi, 2011).

Como já explicitamos e dialogamos algumas vezes, carregamos uma bagagem construída por meio de nossas vivências durante toda nossa trajetória, que por sua vez foi traçada em diferentes momentos históricos. Diante disso, podemos afirmar que carregamos uma herança e há uma relação direta entre aquilo que queremos ou dizemos propor a forma como, de fato, fazemos. Os procedimentos didáticos, os métodos, e as técnicas adotados por nós, professores(as), ou melhor dizendo, a forma como as ações pedagógicas acontecem durante as aulas, estão carregadas de intencionalidades pedagógicas que vinculam-se a princípios e orientações acerca de uma concepção educacional. Sendo assim, ao se planejar rodas de conversa, uso de vídeos e imagens, textos, músicas, entrevistas,

vivências práticas, aula livre, estudo do meio, pesquisas, utilização de livro didático, por exemplo, há de se refletir sobre as concepções de aprendizagem que estão direcionando as ações, sem perder de vista quais educandos(as) queremos formar.

Mas será que há uma forma pré-determinada para todas as proposições que se desdobram em nossa prática? Esse foi um dos questionamentos levantados ao longo de nossas reflexões.

*As receitas, os métodos, as metodologias, são importantes como formas abstratas de organização, de sistematização, uma constituição de sentido que aplaca nossa sensação de insegurança diante da condição movediça daquilo que chamamos realidade. No entanto, efetivamente, é em nossa relação com cada uma dessas nossas realidades – aliando aquilo que sabemos às situações concretas que vivemos, em meio ao erro, a instabilidade, a confusão, ao inesperado – que podemos encontrar os modos de agir, os como fazer, os caminhos possíveis para o enfrentamento do difícil, mas da mesma forma valoroso, trabalho educativo. É por meio desse enfrentamento, incômodo por vezes, com as nossas reais condições de trabalho que são criados e recriados os caminhos, as receitas, os métodos e as metodologias para realizar o mais próximo possível daquilo que compreendemos ensinar [...]. (BREDARIOLI, p. 9, 2012)*

### Na Fundação Casa

Sérgio vaz

– Quem gosta de poesia?

– Ninguém, senhor.

Aí recitei “Negro drama” dos Racionais.

– Senhor, isso é poesia?

– É.

– Então “nóis” gosta.

É isso. Todo mundo gosta de poesia

Só não sabe que gosta.

Retomamos memórias de nossas primeiras ações metodológicas enquanto professores(as) das áreas e discutimos como a formação inicial apenas não é suficiente para o trabalho pedagógico em sala de aula diante das mais diversas realidades e desafios característicos de nossas áreas de atuação dentro do contexto da Educação Básica, com salas heterogêneas e grande número de educandos(as) por turma.

Levando em consideração as trajetórias históricas das áreas e suas especificidades, iniciamos também reflexões mais específicas sobre como são estabelecidas as relações entre as concepções de ensino, métodos e procedimentos didá-

ticos em Arte, Educação Física e Línguas. Em Arte, refletindo sobre os resquícios históricos e as possibilidades de transposição a partir da relação entre a teoria e a prática, caminhamos até o momento histórico relacionado à proposição da Abordagem Triangular e seu desdobramento nas seis dimensões para o ensino da Arte presentes no QSN 2019. Em Educação Física, com a finalidade de estabelecer relações entre alguns dos currículos dessa área, os interesses e sujeitos almejados, os métodos de ensino desenvolvidos e os seus procedimentos didáticos, e em Línguas, tecendo relações entre as diferentes abordagens e metodologias características ao ensino de idiomas ao longo do tempo.

Refletimos sobre as definições dos procedimentos didáticos adotados em nossas aulas, tendo em mente as diferentes concepções de ensino e, principalmente, as orientações curriculares propostas no QSN 2019, no que tange aos(às) educandos(as) que desejamos formar, à qualidade da educação e à função social da escola, entre outros aspectos. Além disso, compartilhamos relatos sobre nossas práticas pedagógicas, dando ênfase aos procedimentos de ensino envolvidos, relacionando os aspectos históricos e as escolhas procedimentais e metodológicas.

Partindo das socializações realizadas ao longo do percurso, podemos afirmar que nossas ações revelam aquilo que acreditamos e nossos sonhos enquanto professores(as), sempre em busca de transformar e ressignificar nossas práticas.

Na sequência, propusemos um olhar atento e dirigido à análise das práticas pedagógicas considerando o tratamento metodológico atribuído às áreas em consonância com a nossa concepção. A Arte, a Educação Física e as Línguas marcam a sua posição na Proposta Curricular QSN 2019 Ensino Fundamental, na área de Linguagens, tratando os seus objetos de conhecimento como um texto passível de leitura, composto por códigos e suas significações. Isso corrobora o entendimento de que, imersas na cultura, cada área contempla as diversas práticas de linguagem expressas por meio de suas especificidades.

Dessa forma, ampliamos as discussões sobre aplicabilidades metodológicas e trouxemos espaços para reflexões sobre ações pedagógicas preocupadas não somente com o desenvolvimento de habilidades e/ou competências, mas principalmente, com a leitura e o (re)conhecimento das práticas artísticas, corporais e linguísticas, por exemplo. Almejamos que as discussões deixassem evidente o distanciamento (histórico, inclusive) desses eixos das áreas biológicas, tecnicistas e/ou psicológicas e o quanto a aproximação com a área das Linguagens provocou modificações substanciais na maneira de enxergar os objetos de estudo das áreas.

Então, propusemos a aproximação e a reflexão sobre abordagens e ações metodológicas com o objetivo de ampliar e potencializar os meios pelos quais são desenvolvidos os processos de ensino-aprendizagem das áreas, sem perder de vista a concepção de educação expressa na proposta curricular QSN 2019 e os princípios que norteiam nossas escolhas e ações em sala de aula. Buscando ainda ampliar as possibilidades de nosso campo de ação, os(as) professores(as) foram convidados(as) a adentrar um pouco mais nas especificidades de cada área, por meio de estudos sobre as linguagens presentes em cada uma delas e também por meio do compartilhamento de práticas e relatos dos(as) professores(as).

Em **Arte**, propusemos uma breve reflexão sobre os caminhos do ensino dessa área no Brasil, trazendo à nossa lembrança as propostas pedagógicas que influenciaram nossa trajetória no passado e que, muitas vezes, ainda estão presentes em nossa prática na atualidade. Vislumbramos, então, essa trajetória e demos continuidade, não de maneira cronológica exatamente, mas partindo do pressuposto de que os elementos históricos se entrelaçam tecendo nossa história como as rendeiras de bilro entrelaçam os fios.

Um dos marcos relacionados ao desenvolvimento do pensamento do ensino de Arte se deu no final da década de 1970 e princípio da década de 1980, quando a Profa. Doutora Ana Mae Tavares Barbosa desenvolveu, após diversas pesquisas, a tão conhecida: Proposta Triangular. Nesse período no qual o Ensino de Arte no Brasil estava passando por diversas mudanças, tanto no que se refere à sua aplicabilidade em sala de aula, quanto à formação de professores(as), muitos estavam ávidos por algo que direcionasse a Arte na educação, motivo pelo qual a Proposta Triangular foi “apelidada”, (e até mesmo aceita, na época, por Ana Mae Barbosa) de metodologia, fato este negado pela própria autora posteriormente por compreender a mesma como uma proposta, ou abordagem pedagógica, e não como uma metodologia. Esse ponto pode ser muito bem elucidado com o artigo “Abordagem Triangular: ziguezagueando entre um ideário e uma ação reconstrutora para o ensino de artes, de Rejane Galvão Coutinho e Sidiney Peterson, in Revista Arte, pg.291, de 2017:

*Em revisão da Abordagem Triangular, publicada em Tópicos utópicos (1998), a professora Ana Mae Barbosa afirma que metodologia quem faz é o professor em sala de aula, assim propõe que o currículo escolar articule as dimensões da leitura, produção e contextualização, deixando a cargo do professor a construção metodológica de seu ensino. Fica evidente, então, que, o que determinará a “articulação e as possíveis relações entre as três ações é, em parte, o próprio conteúdo selecionado pelo educador e, essencialmente, suas próprias concepções de educação e de arte” (COUTINHO, 2009, p. 173). Daí a variedade de metodologias que se articulam em nome da Abordagem Triangular, algumas fincadas em concepções de arte e de ensino de arte modernista e mesmo anteriores ao modernismo.*

Assim, fica evidenciado o motivo pelo qual Ana Mae passa a defender a proposta triangular como algo que não pode ser definido como uma metodologia.

Como continuidade dos estudos, retomamos brevemente os marcos legais que regem nossa área de conhecimento: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que torna obrigatório o ensino de arte nas quatro linguagens: de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e a Lei Federal 11.769/08, com forte influência da Proposta Triangular. E chegamos então às mudanças promovidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, cabe ressaltar, desdobrou os elementos presentes na Proposta Triangular “apreciação/fruição/leitura de obras, fazer/criação artística e contextualização histórica” nas seis dimensões para o ensino de Arte: Criação, Crítica, Fruição, Estesia, Expressão e Reflexão. Na BNCC, assim como em nossa proposta curricular QSN, se propõe que o Ensino da Arte seja articulado com essas seis dimensões. Assim, traçando um paralelo com o início desse texto, as mudanças não são fragmentárias, muito menos pontuais, seguindo uma lógica cronológica, mas promovem a continuidade de reflexões e ações pedagógicas que partem de sua própria caminhada.

Assim, a partir desses pressupostos, neste módulo apresentamos uma prática referente a cada linguagem, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, seguida de uma reflexão na ferramenta virtual Padlet na qual pedimos para que analisassem e compartilhassem as dimensões relativas ao ensino da Arte que encontravam nas práticas apresentadas.

Em **Educação Física**, o documento QSN 2019 está orientado pelas teorias pós-críticas (Estudos Culturais, Multiculturalismo Crítico, Pós-estruturalismo, Pós-modernismo, Pós-colonialismo) tendo por objeto estudo a cultura corporal, isto é, brincadeiras e jogos, danças, esportes, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura. Entendida como campo de intervenção na área das Linguagens é compreendida como um texto, passível de leitura, interpretação e elaboração, com intervenções que proponham ao indivíduo ler e analisar a ocorrência social das práticas corporais, reconhecer os diferentes significados que lhes são atribuídos e reconstruí-los de maneira crítica (QSN Ensino Fundamental p.110).

*As teorias pós-críticas educacionais, citadas anteriormente, ajudam-nos a compreender o termo cultura corporal na abrangência das práticas corporais e de toda a produção discursiva dos variados grupos que compõem a sociedade. Nessa lógica, a expressão cultura corporal não se restringe ao “fazer” das manifestações corporais, mas traz à discussão os códigos e os significados em torno destas e de seus praticantes. (GRAMORELLI; NEIRA, 2017 apud QSN, 2019).*

As atividades propostas para os(as) professores(as) no decorrer das unidades tinham por objetivo ampliar as possibilidades de análise sobre os pressupostos teóricos a partir dos estudos metodológicos que subsidiam a prática pedagógica dos professores e das professoras de Educação Física, no que se refere às definições do tema de estudo e dos encaminhamentos didáticos. Aprofundamos nossas representações acerca dos princípios éticos e políticos (reconhecimento do patrimônio cultural local, articulação com o PPP da escola, justiça curricular, descolonização do currículo, evitamento do daltonismo e ancoragem social) tendo em vista que os mesmos também embasam as orientações didáticas (mapeamento, tematização, vivência, problematização, leitura, ressignificação, aprofundamento e ampliação, registro e avaliação) e são evidenciados em alguns trechos do texto de Educação Física QSN 2019.

As análises metodológicas ocorreram por meio das aproximações dos relatos de experiência compartilhados com os professores(as) sobre as práticas corporais: skate, a dança Maculelê, a ginástica e a luta jiu-jítsu, trabalhos estes desenvolvidos por professores da rede municipal de Guarulhos e também por professores de outras redes. Assim, aspectos importantes como as escolhas das temáticas a partir do mapeamento do entorno das escolas, articuladas ao PPP, e também a participação ativa dos professores(as) nos momentos de (re)planejamento são alguns dos apontamentos a serem evidenciados nas proposições desenvolvidas ao longo das unidades.

Em **Línguas**, retomamos nossos objetivos ao trazer Língua e Cultura Inglesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental com o intuito de despertar a consciência intercultural a fim de favorecer e potencializar o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens e competências necessárias em turmas multiculturais, bem como o conceito de multiletramentos como facilitador de todo esse processo.

*A UT Dimensão Intercultural possibilita ao professor mediador estimular o educando a conhecer-se, através da reflexão, para alcançar ao mesmo tempo o entendimento do outro, despertando assim uma melhor observação sobre sua própria identidade e ampliando sua compreensão e/ou valorização de diferentes culturas, costumes e gostos. Nesse sentido, as aprendizagens propostas têm potencial para ampliar as referências culturais dos educandos e contribuem para a formação de sujeitos abertos para a diversidade, e para o exercício da empatia, da tolerância e do respeito mútuo. Também estimulam o educando a conhecer-se, através da reflexão, para alcançar ao mesmo tempo o entendimento do outro, despertando assim uma melhor observação sobre sua própria identidade e ampliando sua compreensão e/ou valorização de diferentes culturas, costumes e gostos. Por conseguinte, conhecer sua história, reconhecer-se como sujeito histórico, valorizar e respeitar outras manifestações culturais, diferentes linguagens (a artística, por exemplo), valorizar a alimentação adequada, preservar*

*o meio ambiente etc., assuntos contidos nos quadros desta UT, contribuem para que o educando conheça a si mesmo e o outro e respeite diferentes culturas e tradições. (QSN, Ensino Fundamental, p. 81)*

Diante disso, destacamos que a Proposta Curricular QSN 2019 possibilita aos(as) professores(as) que diferentes aspectos culturais sejam considerados para o ensino de línguas adicionais para que saberes e aprendizagens da Dimensão Intercultural estejam presentes no processo intencional de ensino de forma integrada com as práticas de letramento, interação e conhecimentos linguísticos, priorizando a competência intercultural, isto é, a capacidade de (re)conhecer e valorizar as diferenças sob as perspectivas que a diversidade oferece.

Entendemos que o ensino de um novo idioma vai além das habilidades de compreensão e produção oral e escrita. Os multiletramentos, ou seja, as experiências linguísticas, culturais e sociais através de diferentes tipos de linguagem como a musical, a artística, a matemática, a corporal, a tecnológica, por exemplo, são fundamentais para o desenvolvimento pleno de nossos(as) educandos(as). De acordo com Rojo e Moura (2012), multiletramento:

*[...] caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos [...]. (ROJO; MOURA, 2012, p. 08).*

Retomamos o conceito de multiletramentos com ênfase no letramento digital por meio de uma proposta de atividade remota e direcionamos nossas reflexões à importância da ludicidade no ensino de línguas, uma vez que pautado na perspectiva da ludicidade, aprender novos idiomas contribui para que a aprendizagem seja prazerosa, com desenvolvimentos que transcendem a apropriação de um código linguístico memorizado. O lúdico denota os sentimentos de liberdade, espontaneidade e interação que garantem o protagonismo da criança, respeitando e valorizando seu tempo de vida. “Quando o inglês é apresentado de forma lúdica, as crianças passam a ser estimuladas, encorajadas, e desenvolvem uma melhor capacidade de concentração.” (QSN, Ensino Fundamental, p. 79)

Durante esse módulo, tivemos por objetivo propiciar reflexões sobre o quanto nossas escolhas metodológicas têm implicações que podem evidenciar ou não a concepção de educação construída em nossa rede. Concepção essa que foi reelaborada a partir dos olhares de quem faz o currículo acontecer no chão da

escola: nós, professoras e professores. Segundo Luckesi (2011), essas escolhas estão diretamente relacionadas com a visão de mundo e as intencionalidades pedagógicas da professora e do professor que, por meio do seu planejamento, tecerá relações e construirá os caminhos metodológicos que abarcam a consolidação em sala de aula dos(as) educandos(as) que desejamos formar.

Como proposta de encerramento para este módulo, assistimos ao vídeo “*O Melhor Som do Mundo*” por meio do qual, de maneira poética, foi possível criar uma metáfora com as questões discutidas durante o curso de maneira geral. A personagem principal tinha um objetivo: encontrar o melhor som do mundo! A partir daí ele traçou um plano e criou sua própria metodologia com base nos recursos disponíveis, mas, envolvido em suas pesquisas, no meio do percurso (sujeito às impermanências) fez uma descoberta que não imaginava e, por fim, alcançou seu objetivo. Assim como nós, professores(as), fazemos ao (re)pensarmos metodologias e procedimentos de ensino, ao refletirmos sobre nossas escolhas, ressignificando saberes, objetivos e trilhando por caminhos em busca de possibilidades práticas capazes de promover o desenvolvimento de aprendizagens significativas para todos(as).



# SABERES E APRENDIZAGENS DAS ÁREAS: DIÁLOGOS E CONEXÕES

*Sendo plural é que se é singular.  
Sula Kossatz*

Com o intuito de oferecer um momento de acolhimento e sensibilização que diz respeito a tantas reflexões que foram sendo construídas durante o caminho, iniciamos essa etapa com o trecho da música “Amarelim e Azulzim” da artista Sula Kossatz<sup>6</sup>

Para este, que foi o último módulo do curso, procuramos estabelecer relações e reflexões sobre Arte, Educação Física e Línguas aprofundando, ampliando e compartilhando conhecimentos de nossas áreas. Assim, aproximamos os Quadros de Saberes e Aprendizagens presentes na Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN)/ 2019 e propusemos alguns questionamentos sobre concepção, conceitos e aspectos relacionados à educação, bem como sobre as possibilidades de relação entre as áreas de conhecimento. O objetivo foi estabelecer um olhar prático, crítico e, de certa maneira, interdisciplinar entre os quadros e os diferentes elementos que permeiam a Arte, a Educação Física e as Línguas.

A leitura de alguns trechos do Texto Introdutório, assim como, do texto referente ao Ensino Fundamental presentes no QSN/2019 nos provocou reflexões acerca das nomenclaturas “Saberes e Aprendizagens”. A escolha dessas terminologias evidencia a concepção e o entendimento da função social que a Proposta Curricular intenta, valorizando os conhecimentos e as aprendizagens dos(as) educandos(as) e colocando-os(as) na centralidade de todo o processo de ensino-aprendizagem. Conhecemos também o trajeto percorrido na elaboração dos textos e quadros das áreas e notamos que estes buscaram refletir toda a concepção de educação da rede, configurando-se como complementares ao pensarmos na ação em sala de aula.

Aspectos como escuta, olhar sensível, voz e vez das crianças, equidade, valorização dos territórios educativos, educação integral, educação para os direitos humanos, validação e respeito às diferenças, entre outros, orientaram o processo de definição e seleção dos saberes e aprendizagens que compõem os quadros referentes aos Eixos de Arte, Educação Física e Língua e Cultura Inglesa. Destacamos a seguir, de forma breve, como acontece o processo de seleção dos saberes e aprendizagens a partir das concepções de cada área de conhecimento.

No Eixo “O educando e a Arte” do QSN/2019 está explicitado que o(a) professor (a) deve direcionar seu trabalho ancorado em alguns aspectos e em sua concepção:

- Arte como linguagem e portanto, acessível a todos e todas;
- Arte como elemento histórico, cultural e social;
- valorização do processo como o espaço onde evidenciam-se as seis dimensões para o ensino da arte (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão);
- a curadoria que deverá ser realizada em articulação com o PPP, com o repertório e com o interesse dos(as) educandos(as); a intencionalidade; e
- a avaliação diagnóstica e processual.

Em nosso processo de curadoria, as intencionalidades surgirão a partir da tríade escola, educandos(as) e professores(as), e obviamente, nossa subjetividade (nosso gosto pessoal) estará presente de algum modo, mas não poderá ser o único a direcionar nossas escolhas, já que existem outros sujeitos e fatores envolvidos. “Assim, dentro de um repertório tão vasto, é necessário refletir quais serão os artistas, as experiências, as ações e os movimentos artísticos que contemplarão as necessidades de aprendizagem do educando, objetivo principal da escola.” (QSN, Ensino Fundamental, Arte p.94)

A avaliação diagnóstica e processual tem como principal objetivo nortear as escolhas do processo e garantir sua continuidade. Afinal de contas, quando acaba o aprendizado?

*Partindo dessa premissa e do interesse dos educandos e passando por processos de criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão é que o ensino da Arte na escola estará baseado em uma formação contextualizada, libertária, autônoma, protagonista, que possibilite o encontro do educando com sua identidade. No âmbito escolar, o educador em Arte deve fazer o papel de mediador entre essas linguagens artísticas e o educando, possibilitando que este se torne protagonista do seu saber, refletindo, fruindo e se expressando, entre outras dimensões do conhecimento em Arte. (QSN, Ensino Fundamental, p.96)*

*É importante destacar que, ao se falar em produção artística, em qualquer âmbito, a relação entre o processo e o produto é fundamental. A valorização do processo do fazer artístico é importante para que o sujeito reflita sobre sua condição no mundo, sobre os motivos pelos quais decida usar determinado material, palavra, movimento, nota, textura etc. É no processo que o sujeito enraíza sua formação crítica. É nele também que o sujeito terá seu*

*contato inicial com as dimensões do conhecimento em Arte descritas na BNCC: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Será a partir dessas 6 dimensões que articularemos as propostas de quadros[...] Para tal, é fundamental compreendermos que essas dimensões se colocam de forma nítida para a organização da metodologia para o ensino da Arte. (QSN, Ensino Fundamental, p. 94-95)*

Portanto, pudemos perceber que a escolha dos saberes e aprendizagens a serem selecionadas pelos(as) professores(as) de Arte, deve fazer parte de um longo processo, antecedido e permeado por diversos aspectos relacionadas a nossa concepção.

**Saiba mais** acessando o material do curso por meio do link: [https://drive.google.com/file/d/1V7cs4U4FETUo\\_9FOP9-RPq6-l27Hveqx/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1V7cs4U4FETUo_9FOP9-RPq6-l27Hveqx/view?usp=sharing)

O QSN, no eixo “O Educando e a Educação Física”, está comprometido com uma educação de qualidade, com a valorização das relações democráticas, dos territórios educativos, das vozes dos(as) educandos(as), assim como está preocupada com o estabelecimento de espaços de equidade, o respeito às diferenças, e a legitimação dos direitos humanos, princípios estes orientadores do texto Introdutório do documento da rede, entrelaçada às teorias pós-críticas do currículo.

Os processos de seleção da prática corporal a ser estudada e de definição dos saberes e das aprendizagens que irão compor o trabalho, estão intimamente relacionados com os princípios ético-políticos que já foram citados nesta publicação. Algumas das ações que orientam os(as) professores(as) nas definições concernentes aos quadros de saberes e aprendizagens podem ser:

- se atentar para uma distribuição equilibrada das práticas corporais, objetos de estudo ao longo da vida escolar dos(as) estudantes;
- permitir que manifestações corporais marginalizadas e negligenciadas adentrem o currículo de Educação Física;
- reconhecer o patrimônio cultural corporal da comunidade e possibilitar que outras representações acerca de uma luta, dança, ginástica, esporte, brincadeira, ou prática corporal de aventura circulem durante as aulas, por exemplo.

Além disso, ao compreendermos o mapeamento como uma ação que não se finda apenas nas aulas iniciais, mas que percorre toda a tematização e que permite ao(à) professor(a) entrar em contato com as representações e significações atribuídas pelos(as) educandos(as), percebemos que é justamente este encaminhamento didático que fornece subsídios para a definição dos saberes e das aprendizagens que irão perpassar o trabalho realizado.

Para a seleção das aprendizagens no quadro de saberes, os professores(as) devem realizar um movimento anterior à seleção dos temas de estudo, atentando-se para a análise e a leitura da prática corporal de acordo com sua ocorrência social, sendo que a maneira como a prática corporal ocorre socialmente constitui-se como o ponto de partida para as demais ações didáticas.

Em concordância com a BNCC (BRASIL, 2017, p. 219), “ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais, isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola”.

*Os saberes selecionados pelo(a) professor(a) emergem das próprias ações didáticas propostas por ele (ela). Ao mapear as representações dos educandos acerca da brincadeira, do esporte, da ginástica, da luta, da dança ou da prática corporal de aventura estudada, o(a) professor(a) poderá levantar uma série de informações que possibilitem a seleção das aprendizagens para a organização de seu planejamento”. (QSN, Ensino Fundamental, pág.114)*

**Saiba mais** acessando o material do curso por meio do link: <https://drive.google.com/file/d/1pR7Yu3WvTQ1bpwIEQ3evyYed33mlrNjt/view?usp=sharing>

O QSN, no eixo “O Educando e a Língua e Cultura Inglesa” (QSN, Ensino Fundamental, p.77-78)., aponta para uma educação pautada em princípios tais como:

- língua enquanto interação e manifestação sociocultural;
- elemento essencial para o desenvolvimento mental, função organizadora e planejadora do pensamento constituindo prática social e política;
- aproximação e valorização de diferentes culturas;
- ampliação de conhecimentos e visão de mundo, contribuindo para os multiletramentos; e
- desenvolvimento ativo na sociedade.

Diante disso, entendemos que o ensino de inglês em nossa rede considera língua, cultura e interação como aspectos indissociáveis nos processos de ensino-aprendizagem. Dessa forma, para potencializar ainda mais a relação entre as unidades temáticas e os quadros de aprendizagens, faz-se necessário (re)conhecer alguns aspectos presentes no contexto escolar: O que as crianças já conhecem

sobre Língua Inglesa e diferentes culturas, suas vivências, experiências e expectativas; A relevância dos temas, entendidos aqui como os assuntos sobre os quais o educando vai aprender (conversando, lendo, investigando), de acordo com seus interesses e sua experiência prévia, e também de acordo com os projetos e o contexto da unidade escolar; A adequação da atividade social em função da faixa etária dos(as) educandos(as); A primazia das práticas sociais (letramentos, leitura, oralidade, escrita) e dos saberes interculturais, que devem ser o centro das aprendizagens e aos quais os conhecimentos linguísticos se articulam. (QSN, Ensino Fundamental, p.81-82);

Antes da escolha dos quadros, saberes e aprendizagens que serão tematizados, precisamos (re)pensar e considerar alguns pontos como: Quais temáticas podem se articular com o PPP e os projetos da escola; As temáticas que ainda não foram desenvolvidas com os(as) educandos(as) da escola; Incluir todos(as) por meio das temáticas presentes nos quadros; Priorizar as habilidades de compreensão e produção oral; Explorar e potencializar outras linguagens através da Língua Inglesa, tendo em vista diferentes formas de expressão e comunicação.

*Línguas: “Os saberes selecionados para o ensino desse eixo foram organizados em 3 unidades temáticas: Letramentos: interação e produção, Dimensão Intercultural e Conhecimentos Linguísticos. Tais unidades temáticas se desdobram, nos quadros, em aprendizagens a serem construídas progressivamente ao longo dos ciclos. A progressão se dá ora pela complexidade da atividade mental envolvida nas aprendizagens propostas (que podem requerer conhecimentos prévios para serem desenvolvidas), ora pela ampliação dos assuntos que os educandos aprendem (que podem estar relacionados a outros eixos do currículo). (QSN, Ensino Fundamental, p.114)*

**Saiba mais** acessando o material do curso por meio do link: <https://drive.google.com/file/d/1Ei-WaKzRw72xezRrug0O19sseDI143Kp/view?usp=sharing>

Como percebemos acima, as aprendizagens selecionadas para o percurso pedagógico estão intimamente ligadas com as práticas propostas pelo(a) professor(a). Aliás, as próprias ações pedagógicas acabam por sugerir novas aprendizagens a serem desenvolvidas tendo em vista o processo de escuta e olhar sensível para as situações que ocorrem durante as aulas.

Durante o percurso salientamos que o ponto inicial do trabalho com Arte, Línguas, e Educação Física, nas escolas, não são os quadros, mas a relação com os(as) educandos(as), os diferentes contextos e territórios, dentre outros aspectos,

a fim de que o trabalho possa potencializar o desenvolvimento das aprendizagens e dos saberes de nossas crianças.

Dando prosseguimento ao contato com os Quadros de Saberes e Aprendizagens buscamos propiciar um espaço de aproximação entre as áreas de conhecimento para que pudéssemos conhecer mais sobre suas concepções e práticas, assim como refletir sobre as possíveis relações e articulações entre as mesmas.

*A integração curricular tem como objetivo maior a organização das aprendizagens, de modo a contemplar todas as formas de conhecimento, seja este construído em bases científicas ou do cotidiano. Há ainda a prerrogativa de que as aprendizagens escolares não devem ser hierarquizadas, condição em que um é mais valorizado em detrimento do outro, e sim articuladas entre as várias áreas do conhecimento; isso porque os saberes são indissociáveis entre si. A prática colaborativa entre os saberes, compreendida como ações interdisciplinares e transversais, acrescenta possibilidades de arranjos e maior alcance de sentido ao que se aprende. Abordagens que consideram metodologias e estratégias interdisciplinares favorecem aos educadores a compreensão de que os educandos são sujeitos ativos em seu processo educativo e a importância da comunicação como um fator imprescindível para a aprendizagem. (QSN Texto Introdutório, p.21)*

Assim, propusemos a superação de alguns estigmas e estereótipos referentes às práticas pedagógicas, com intuito de possibilitar a troca de saberes e a superação de alguns preconceitos que foram sendo construídos ao longo do tempo, de acordo com os papéis sociais e identidades que foram assumidas na escola. Disponibilizamos, para isso, relatos de experiência que exemplificavam a prática pedagógica e se ancoravam nas diretrizes curriculares propostas no QSN/2019, assim como, materiais de análise sobre a seleção dos saberes e das aprendizagens. Os(as) professores(as) se aproximaram dos textos e materiais das outras áreas de conhecimento, buscando compreender como os professores(as) elaboraram suas aulas, ampliando o entendimento sobre as mesmas.

As experiências desenvolvidas durante as atividades supracitadas, visaram ampliar a percepção de integração entre as áreas do conhecimento, buscando favorecer o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Consideramos que, mesmo diante da dificuldade do diálogo imposta muitas vezes pelos aspectos da vida funcional, as aproximações entre professores(as), conhecimentos e os objetos de conhecimento das diferentes áreas podem fazer despontar desdobramentos positivos na escola.

Desta forma, a fim de adentrarmos um pouco mais aos conceitos e práticas pedagógicas que marcaram (e ainda marcam) historicamente a proposta de interdisciplinaridade, recorreremos, inicialmente, ao conceito de multidimensionalidade marcado na ideia de concepção integral do nosso QSN/2019. Tal conceito nos permite perceber como cada área, com suas características específicas pode, sem dúvida, propor trabalhos que se ancorem nesta perspectiva. Todavia, dando um passo ainda maior, perceberemos que, se nos aproximarmos enquanto profissionais da educação, as multidimensionalidades serão ainda mais evidenciadas e valorizadas à medida em que dialogarmos com as outras áreas.

*Nas práticas realizadas no ambiente escolar, a multidimensionalidade do desenvolvimento humano se revela quando todos os atores educacionais, coletivamente, envolvem-se direta ou indiretamente em ações que têm como objetivo o desenvolvimento completo do sujeito; isso significa que não é possível deixar de lado nenhuma das necessidades e interesses de aprendizagem e desenvolvimento. É importante ampliar as oportunidades de experimentação do mundo com base no movimento, nas relações afetivas e na expressividade por meio das diversas linguagens da cultura. É necessário superar a concepção de que o conhecimento seja apenas informação. (QSN. Introdução p.17)*

Compreendemos que a sala de aula é uma multiplicidade, assim como o currículo. E, como nos elucida Silvio Gallo (2008) em um dos materiais propostos, trata-se de estar atenta(o) para essa multiplicidade, de colocar-se em disponibilidade, em escuta e viabilizar conexões. Trata-se de pensar a educação em suas relações micro, no dia a dia, nas ações cotidianas fazendo saltar as conexões e a heterogeneidade, buscando ligações inusitadas nas quais as próprias multiplicidades possam se expandir, mudar de natureza e dilatar territórios, Schneider (2014 apud Gallo 2008).

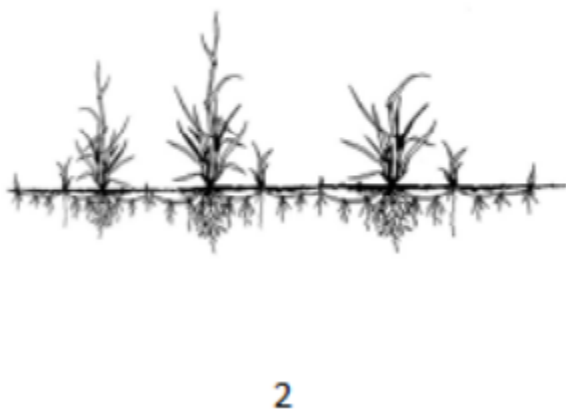
Em concordância com Silva (2009), compreende-se o currículo como construção social, percurso, lugar, espaço e território cujas práticas pedagógicas e sociais ocorrem nas escolas, nas salas de aula e em seus diferentes espaços, tendo como referência o desenvolvimento integral do sujeito em uma perspectiva participativa, processual e dialética. Desta maneira, a partir das imagens de uma árvore e de um rizoma, refletimos por meio de metáforas sobre perspectivas interdisciplinares do currículo.



**Figura 5:** A árvore e o rizoma.

### Descrição das imagens:

(1) Árvore: A base do conhecimento, ou o tema de estudo, estaria relacionado ao tronco e as diferentes áreas de conhecimento, que direcionam suas ações a partir deste tronco, expandidas com os galhos. Interessante notar que a imagem da árvore, por mais que dê vazão ao recorte, à divisão e às subdivisões, remete sempre de volta à totalidade, pois há uma única árvore, e para além do conhecimento das partes, podemos chegar ao conhecimento do todo, isto é, tomando distância podemos ver a árvore em sua inteireza.



(2) Rizoma: Os conhecimentos se espalham sem necessariamente ter uma base única, ou uma fixação em determinada área de conhecimento, onde não há uma hierarquização daquilo que deve, ou não, ser dialogado com as crianças, adolescentes e adultos, e os conhecimentos científicos e saberes oriundos da cultura popular caminham lado a lado. No rizoma, as ramificações dos brotos acontecem em qualquer ponto. Não estabelece nenhuma hierarquia. Não tem vistas em uma homogeneização, uma vez que constitui e engendra-se a partir da heterogeneidade de suas matérias e movimentos, Schneider (2014).

Com a intenção de ampliar as reflexões acerca das metáforas citadas acima, possibilitamos o acesso a duas práticas pedagógicas protagonizadas pelo professor Carlos Alberto e pela professora Josiane Santos, ambos professores da rede. A análise do relato de experiência compartilhado pelo professor<sup>7</sup>, que trouxe uma amostra das experiências com alunos e alunas sob a perspectiva dos princípios éticos e políticos na Educação Física Cultural e a prática pedagógica desenvolvida a distância pela professora Josiane<sup>8</sup>, propondo aos alunos e alunas reflexões sobre língua e cultura inglesa desassociadas de contextos estadunidenses e europeus, estabelecendo assim conexões com o tema do módulo e apresentando práticas docentes que vislumbravam a superação do caráter fragmentado da construção de conhecimento.

Propusemos ainda, um momento de reflexão e diálogo sobre os desafios e as possibilidades de um currículo integrado, considerando as adversidades que os(as) professores(as) passam em seu dia a dia de trabalho e também as suas inquietações. Essas reflexões foram compartilhadas no fórum a partir de questionamentos que expressassem as suas opiniões sobre os desafios em se pensar um currículo integrado e as ações que seriam necessárias para uma maior aproximação entre as áreas no processo de ensino-aprendizagem.

Mesmo diante de toda reflexão acerca das possibilidades de aproximação e relação entre as áreas, ainda costumamos nos defrontar na escola com uma realidade na qual a organização das diversas áreas de conhecimento se dá por “caixinhas”, nas quais se valorizam seus saberes universais e hierarquizados, situação esta, que não dá abertura para novas práticas escolares que se propõem a considerar e legitimar a heterogeneidade característica da sala de aula.

### **Little boxes**

*Malvina Reynolds/Nara Leão*

*Uma caixa bem na praça, uma caixa bem quadradinha*

*Uma caixa, outra caixa, todas elas iguaizinhas*

*Uma verde, outra rosa e uma bem amarelinha*

*Todas elas feitas de tic tac, todas elas iguaizinhas*

*As pessoas dessas casas vão todas pra universidade*

*Onde entram em caixinhas quadradinhas iguaizinhas*

*Saem doutores, advogados, banqueiros de bons negócios*

*Todos eles feitos de tic tac, todos, todos iguaizinhos*

*Jogam golf, jogam pólo, bebendo um bom martini dry*

*Todos têm lindos filhinhos bonequinhos engomadinhos  
As crianças vão pra escola, depois pra universidade  
Onde entram em caixinhas e saem todas iguaizinhas  
Os rapazes ficam ricos e formam uma família  
Todos eles em caixinhas, em casinhas iguaizinhas  
Uma verde, outra rosa e outra bem amarelinha  
E são todas feitas de tic tac, todas, todas iguaizinhas*

Assim, pensamos em ampliar cada vez mais nossas possibilidades de pensamento e ação educativa sob a perspectiva de criação de novos diálogos e conexões, bem como fomos caminhando para o encerramento das proposições com atividades mais reflexivas.

Nesse percurso, propusemos a música “little boxes”<sup>9</sup> a fim de provocar reflexões sob a lógica de se viver encaixotado(a) a padrões de sociedade, de educação, de vida e etc.. Ampliando as discussões, intentamos, através de aproximações entre a leitura de um estudo de caso e a revisitação dos relatos de experiência apresentados anteriormente pelos professores Carlos e Josiane, estabelecer possíveis distanciamentos e/ou aproximações dos conhecimentos que circulavam entre as ações pedagógicas a fim de verificarmos, de maneira prática, possíveis caminhos em direção a concepção de educação defendida em nossa Proposta Curricular – Quadro de Saberes Pedagógicos (QSN)/2019.

Diante de tudo o que pensamos e repensamos até este momento, voltamos nosso olhar para os desafios de uma educação menos fragmentada e, sobretudo, que leve em consideração necessidades e aspectos imprescindíveis para a formação dos sujeitos em sua integralidade. Não desconsideramos o fato de que são muitas as dificuldades e os desafios quando pensamos a proposta de um currículo mais integrado. Conhecer “o outro lado”, outras áreas de conhecimento, outras realidades, outros modos de ser e de se pensar torna-se fundamental para que, de fato, aproximações e conexões entre os conhecimentos sejam possíveis. Assim, cabe a nós também aceitarmos os desafios, superando medos, receios e aprendendo com as incertezas a fim de (re)criar e (re)significar nossas práticas.

*E a coragem disse para o medo: Calma!*

*Lembra que a gente tem fibra, que a gente tem alma. [...]*

*A coragem nos convence de prima, nos dá força e nos aproxima.<sup>10</sup>*

Caminhando para o encerramento do curso, propusemos um momento de avaliação e retrospectiva do percurso formativo, a partir das contribuições do coletivo de professores(as), abordando as temáticas apresentadas, evidenciando diversas escritas de compartilhamento nos fóruns e em outras ferramentas, assim como trechos de vídeos, músicas e materiais que acessamos, apreciamos e estudamos ao longo do curso. Por meio da obra “*Além dos continentes*” da artista Chiharu Shiota, fomos provocados a pensar, metaforicamente, sobre “*qual sapato já não nos cabe mais*”: *O que levaremos de inquietações e descobertas? Quais experiências tivemos ao longo desse caminho que trilhamos juntos(as)? E o que deixaremos para trás que já não nos cabe mais?*



Figura 6: Instalação Além dos continentes da artista Chiharu Shiota

Assim, encerramos o encontro formativo agradecidos(as) pelas trocas estabelecidas e experienciadas ao longo desse curso (re)significando a forma de nos relacionarmos com as áreas e com o QSN/2019. Apesar de todas as dificul-

dades e adversidades deste momento atípico que vivenciamos, encerramos com o poema “O direito de sonhar” de Eduardo Galeano, para que nunca nos esqueçamos da necessidade de sonhar e de buscarmos juntos(as) a realização desses sonhos.

*Mesmo que não possamos adivinhar o tempo que virá,  
temos ao menos o direito de imaginar o que queremos que seja[...]*

*Eduardo Galeano*

## Referências:

- BARROS, M. de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.
- BREDARIOLI, R. L. B. *Metodologias para ensino e aprendizagem de arte*. Rede São Paulo de Formação Docente, Governo do Estado de São Paulo, 2012.
- FREIRE, Paulo. *A escola*. Disponível: <https://www.xapuri.info/educacao/para-paulo-freire-como-homenagem-o-seu-proprio-poema-a-escola/> Acesso em : 27/10/2020.
- GALLO, S. *Currículo (entre) imagens e saberes*. Palestra proferida no V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo. Pedagogias (entre) lugares e saberes, 2007. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/GalloEntrelmagenseSaberes.pdf>. Acesso em: 08/09/ 2020.
- GUARULHOS. *Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) – Ensino Fundamental*: Secretaria de Educação, 2019.
- GUARULHOS. *Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) – Introdutório*. Guarulhos: Secretaria de Educação, 2019.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In.: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 27/10/2020.
- LUCKESI, C.C. *Métodos e Procedimentos de Ensino*, 13 de outubro de 2011. Disponível em: <http://didaticageraluece.blogspot.com/2011/10/texto-10-metodos-e-procedimentos-de.html> Acesso em: 07/10/2020.
- MANFREDI, S.M. *Metodologia do Ensino: diferentes concepções* (versão preliminar, 1993). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1974332/mod\\_resource/content/1/METODOLOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1974332/mod_resource/content/1/METODOLOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf) Acesso em: 07/10/2020.
- NÓVOA, António. *Formação de professores e profissão docente*. In: NÓVOA, A . (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 13-33.
- QUINTANA, Mario. *O tempo*. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-tempo-poema-de-mario-quintana/> Acesso em: 04/11/2020.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SCHNEIDER, D.C. *Da árvore ao rizoma: possibilidades para o campo educacional*. P@rtes (São Paulo), v. x, p. 01-05, 2014. Disponível em <https://www.partes.com.br/2014/02/01/da-arvore-ao-rizoma-possibilidades-para-o-campo-educacional/>. Acesso em: 08/09/2020.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SINGER, H. *Covid-19: Nada será como antes*. Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/covid-19-nada-sera-como-antes-por-heleena-singer/>Acesso em: 20/10/ 2020.
- VAZ, Sérgio. Flores de Alvenaria. São Paulo: Global Editora, 2016.

## Referência dos vídeos

- 1 - Música: *Baião na Janela de Ceumar e Jonathan Silva*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TblmwvXZ178>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 2 - COLASANTI, Marina. *A dor da vida: A Gente se Acostuma*, declamado por Lorelay Fox Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=y9sUHEiHxKU>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 3 - ALVES, Rubem. *A escutatória*. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/escutatoria.pdf>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 4 - Música: *Tempo da Banda mais bonita da cidade*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6m3oBYN5XNw>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 5 - Diálogos do Brincar 1 - '*Um olhar para o brincar*', com Renata Meirelles e David Reeks Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FNFGaKbDt-8>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 6 - ALVES, Rubem. *O saber e o sabor* - Documentário sobre a Filosofia do Aprendizado e o Saber. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rCliaoyrFXw>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 7 - Palestra *Educação Física Cultural: Os princípios éticos-políticos e os encaminhamentos pedagógicos*. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=DGPFmFsT0FQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: 27/10/2020.
- 8 - SANTOS, Joseane. *English Around The World - Lesson 2*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=brguMn7SdNU&ab\\_channel=EnglishGuarulhos](https://www.youtube.com/watch?v=brguMn7SdNU&ab_channel=EnglishGuarulhos)>. Acesso em: 27/10/2020.
- 9- Música: *Little boxes de Malvina Reynolds Nara Leão*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=wFXuD5dIlgS8&ab\\_channel=EpaminondasTrancoso](https://www.youtube.com/watch?v=wFXuD5dIlgS8&ab_channel=EpaminondasTrancoso)>. Acesso em: 27/10/2020.
- 10 - Música do Livro "*E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*" por Emicida. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QmWdk1G9\\_Gc&list=RDQmWdk1G9\\_Gc&start\\_radio=1&t=0&ab\\_channel=Emicida](https://www.youtube.com/watch?v=QmWdk1G9_Gc&list=RDQmWdk1G9_Gc&start_radio=1&t=0&ab_channel=Emicida)>. Acesso em: 27/10/2020.
- 11 - *O Melhor Som do Mundo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A4vVRKQfrqQ>>. Acesso em: 27/10/2020.







# Linguagens

Arte, Música, Educação Física e Línguas



EPG Edson Nunes Malecka  
Foto: Camila Rhodes/PMG

Acesse todos os volumes da  
Coleção Formação 2020 em  
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>,  
na página de Publicações e Documentos  
ou pelo QRCode:

